

CorpoVida, mais um na multidão

Que encontro é esse que misteriosamente acontece, quando alguém faz um pedido a um outro, quase como um apelo: preciso ser cuidado. O outro que ouve esse pedido, de um lugar muitas vezes reconhecido como o de um trabalhador, envolvido com a construção dessa resposta, mesmo sem palavras, diz, com sua ação: cuidarei de ti.

Que encontro é esse que tem como um de seus mistérios o de comportar, no seu agir, uma multidão. Uma multidão no sentido bem amplo que Toni Negri dá em seus textos, em particular no livro *Poder Constituinte*. Uma multidão como vários muitos. Vários múltiplos. Vários e distintos muitos, que ao mesmo que são todos comuns, sem no entanto deixarem de ser todos singulares.

Pois é, há um comum em todos os encontros desse tipo. Todos ocorrem no campo da produção do cuidado, habitado por muitos, múltiplos e singulares. Entretanto, marcados pela construção de uma lógica que não lhes pode escapar: a de ter como sentido, para todos que dele participam, que ali há uma prática, uma ação de atos cuidadores, por um lado; e de ser cuidado, por outro.

A clínica, antes de tudo, se referencia a isso. E, mais, por ser sempre nesse campo, tem que ter pertinência como um conjunto de agir que necessita ser eficaz, i. é, necessita ser reconhecido, por quem está nele implicado, como um agir que fabrica cuidado, em um jogo que se dá no encontro de um que cuida e de um que é cuidado (mesmo que esse “um” possa estar sendo vivido por uma equipe e por um grupo de usuários).

Isso faz da prática clínica um campo de ações que se alimenta em teorias-ferramentas e não um campo de teorias que desenha mil formas de exercitá-las. É isso que faz do campo da clínica um lugar habitado por muitas clínicas possíveis, com distintas eficácias, que só têm sentido no campo do trabalho vivo em ato, nas suas relações intercessoras e de acordo com o jogo singular e concreto de pedidos e respostas para a construção do cuidar.

Desse modo, não consigo entender que possa existir uma clínica mais ampla que outra, fora do mundo da ação, nos encontros; muito menos, uma que seja a síntese conceitual superior das outras. Não consigo entender que possa haver, como que em um movimento dialético de tese, antítese e síntese, um acúmulo de saberes clínicos, que possam subsumir de modo definitivo os outros.

Sempre caberá a pergunta chave: na ação quem é eficaz para quem e para que.

Nesse sentido, imagino que só seja possível falar da efetividade do agir clínico no seu próprio ato e não no território das teorias que procuram subsidia-lo. Isto é, se há ou não produção de mais vida com a prática clínica realizada é uma questão para o encontro em ato.

Assim, ser eficaz, ao ser reconhecido como produtor de cuidado, varia tanto quanto a multidão que possa estar implicada com esse encontro. E só desse lugar é possível falar de um agir que seja, ou não, eficaz na sua ação e efetivo na sua consequência.

Assim, vejo o *CorpoVida* como mais uma oferta de uma teoria-ferramenta para ocupar lugar nesse campo de práticas. Mas, não uma ocupação qualquer, pois me parece uma oferta poderosa, que carrega em si muitas elaborações instigantes, a partir de um diálogo bem enriquecido com várias outras clínicas. Parece-me uma oferta de prática clínica que se alimenta de várias práticas clínicas.

Nessa direção, alerto quem ler esse livro: mantenha isso vivo, faça disso sempre uma teoria-

ferramenta, que faça sentido ali no atuar junto com o outro na produção de mais vida. Não adote essa oferta como uma receita, alimente-a com outras possibilidades; senão ela será a própria negação do esforço desse coletivo de autores, que muitas vezes nos seus textos não deixam isso muito claro.

Ao ampliar a multiplicidade na multidão que habita o mundo do trabalho vivo em ato na saúde, produtor de cuidado, e como tal implicado com um possível agir autopoietico no campo da saúde; não hesito em dar viva a esse livro.

Emerson Elias Merhy
abril de 2008